



É com o orgulho de sempre, e com dedicação redobrada, que hoje regressamos à nossa casa da democracia, para celebrar o dia histórico que foi o 25 de Abril de 1974. Os momentos históricos são nucleares, e não podem ser confundidos com momentos de efémera felicidade individual. Um dia histórico é aquele que agita o futuro de toda uma sociedade, um país, ou mesmo a humanidade.

A Pandemia suscitou a reflexão conjunta sobre esta nossa humanidade. Provocou-nos a todos uma clara noção de insegurança, de incerteza; e deixou bem evidente as fragilidades das nossas organizações e expôs com clarividência as insuficiências da nossa sociedade. Previsivelmente, esta fragilidade foi terra lavrada para a semente do populismo, da mensagem propagandista do racismo e da xenofobia, que põe em causa tudo o que construímos. É por isso fundamental não esquecer que a Democracia é escola, é aprender a viver em sociedade.

Mas este momento de dúvida e sobressalto, também significa que o comportamento humano necessita de mudar. As alterações climáticas têm na sua base, a ação do homem. O slogan mais utilizado pelos ambientalistas tem sido “não há planeta B”. Mas em rigor, o que os cientistas nos querem dizer é que “não há humanidade B”. A ciência tem alertado para uma ameaça existencial à civilização e para a inconsciência sobre o pouco tempo que nos restará, se não impedirmos as mudanças desastrosas nos sistemas climáticos da Terra. Esta imprudência coletiva é, em si mesmo, uma ditadura, que nos pode levar à antecipação dos pontos de inflexão que pensávamos só ser possível conjeturar em um futuro muito distante. Os sinais de um ponto sem retorno são claros, e este



é o momento para provocarmos uma revolução no nosso comportamento, tão singular e imponente como o nosso 25 de Abril.

Mas há esperança. E a esperança advém da união; de nos constituirmos na grande maioria que se importa com o futuro; o futuro que dizemos sempre que queremos endereçar aos nossos filhos e netos; o futuro que continuamos a querer dar às próximas gerações, sem manifestações antidemocráticas, extremismos ou saudosismos em relação ao Antigo Regime.

Excetuando o período de evidente menoridade da democracia, logo a seguir à Revolução de Abril, talvez seja este o momento em que urge mais a convocação de todas as nossas energias e convicções democráticas para defender a Liberdade e a Democracia conquistadas em abril. Esta maioria democrática tem de enfrentar com resiliência os novos contextos sociopolíticos que têm surgido em toda Europa e no Mundo, não só por causa das restrições impostas pelo combate à pandemia, mas sobretudo em virtude da ascensão dos movimentos de extrema-direita, que continuam a ser a antítese da liberdade e da igualdade.

É necessário articular o valor da Liberdade com outros valores coletivos no atual contexto pandémico: a proteção da vida, da saúde pública; e aqui pudemos constatar a lição dada por todos os profissionais de saúde e da proteção civil que, para salvar o próximo, secundarizaram as diferenças e estilos de governação, ortodoxias ideológicas, diversidade demográfica ou níveis socioeconómicos. Num tempo de tragédia, em que precisámos uns dos outros, a dicotomia esquerda/direita ficou na gaveta, suspensa, desnecessária. Somos todos um, e nessa união estruturamos a reação



perante o desconhecido, e estamos a ganhar terreno, e certamente venceremos.

Após 47 anos da longa madrugada, muito há para fazer; é tempo de continuar a trabalhar para a cura de algumas enfermidades que vão subsistindo: o monopólio político, a baixa participação dos cidadãos na definição do futuro do nosso país, a discriminação, a violência, a corrupção; Mas é também fundamental resgatar aqueles que ainda não saíram do dia 26 de abril de 74, e que continuam a cultivar o ambiente de desconfiança, do divisionismo ideológico, do receio da diversidade, da aversão ao multiculturalismo, do medo perante a irreversibilidade de um mundo global.

E porque estamos em ano de eleições autárquicas, não será demais lembrar que a política é um compromisso com a diversidade de pensamento e com a igualdade existencial. É o exercício pleno da liberdade, onde não há nenhum espaço para o discurso de ódio. Integremos todos essa maioria, com um único pacto: o respeito pelo outro; o respeito pela liberdade.

Viva o 25 de Abril!